

Pesquisa sobre ensino de música e gênero: Avanços e/ou permanências?

Comunicação

Helena Lopes da Silva
UFMG
helopesster@gmail.com

Resumo: O presente trabalho trata-se de uma tentativa em estabelecer um diálogo entre pesquisas sobre música e gênero em contextos de ensino formal. Tomando como base o estudo de Lopes da Silva (2000; 2019), procura-se identificar os possíveis avanços e permanências sobre a temática gênero e música nas pesquisas desenvolvidas no âmbito acadêmico brasileiro. Por meio de uma breve revisão da literatura sobre o tema, foram discutidas aproximações e tensionamentos entre as pesquisas sobre música, gênero e sexualidade no ensino superior (Oliveira, 2022; Mota, 2023); gênero na formação de professores de música (Siedlecki, 2016; Wienning, 2018; Müller, 2021) e gênero na aula de música na educação básica (Lopes da Silva, 2000; Azevedo, 2020). Dentre os principais avanços sobre a temática, destaca-se a presença de pessoas LGBTQI+ como protagonistas dos estudos acerca da formação e atuação de professores em espaços de ensino de música, e a consequente discussão sobre sexualidade nas pesquisas sobre gênero e educação musical. Dentre as permanências, percebe-se a divisão binária nas escolhas dos instrumentos, repertórios e práticas musicais de meninos e meninas na aula de música da educação básica. Para dar continuidade ao diálogo proposto neste artigo, sugere-se a reflexão sobre a produção acadêmica acerca da temática gênero, sexualidade e educação musical, bem como, a replicação de pesquisas já realizadas para a sistematização dos avanços e permanências das relações de gênero e ensino de música em espaços de educação formal.

Palavras-chave: ensino de música, gênero, instituições de ensino formal.

Abstract: This paper is an attempt to establish a dialog between research on music and gender in formal education contexts. Taking Lopes da Silva's study (2000; 2019) as a basis, it seeks to identify possible advances and continuities on the subject of gender and music in research carried out in the Brazilian academic sphere. Through a brief review of the literature on the subject, approximations and tensions were discussed between research on music, gender and sexuality in higher education (Oliveira, 2022; Mota, 2023); gender in music teacher training (Siedlecki, 2016; Wienning, 2018; Müller, 2021) and gender in music classes in basic education (Lopes da Silva, 2000; Azevedo, 2020). Among the main advances on the subject,

we highlight the presence of LGBTQI+ people as protagonists of studies on the training and performance of teachers in music teaching spaces, and the consequent discussion of sexuality in research on gender and music education. Among the continuities, we can see the binary division in the choice of instruments, repertoires and musical practices of boys and girls in basic education music classes. To the dialog proposed in this article, we suggest reflecting on the academic production on the subject of gender, sexuality, and music education, as well as the replication of research already carried out in order to systematize the progress and continuity of gender relations and music teaching in formal education spaces.

Keywords: music teaching, gender, formal education institutions.

Introdução

A pouca produção no Brasil que problematiza as relações de gênero no âmbito da educação musical parece ainda denotar a indiferença que Helena Lopes percebeu há mais de 20 anos. (...) Assim, a leitura deste livro poderá nos estimular a uma autocrítica acerca do apertamento desse tema na formação de educadores musicais e, portanto, da sua ausência nas práticas de educação musical nos diferentes contextos em que essas têm lugar no país. Também, pensar naquelas/es adolescentes xx anos após, permite-nos deparar com as repercussões das nossas ações como educadoras/educadores. O que fizemos e estamos fazendo para e com as novas gerações? Estamos formando educadores musicais para atuarem agora e daqui a duas décadas? (Arroyo, 2019. Prefácio)

Os debates e pesquisas sobre gênero e sexualidade na Educação Musical cresceram consideravelmente no Brasil, sobretudo nas duas últimas décadas (Azevedo, 2020; Lacorte, 2019; Mariano, 2024; Mota, 2020; 2023; Mota et.al., 2024; Siedlecki, 2016; Sorrentino, 2012; Wenning, 2019; Oliveira, 2022)¹. O crescimento do número de estudos e iniciativas sobre o tema nos últimos anos, compromete ainda mais o nosso engajamento com a temática, pois,

¹ Diferenças de aprendizagem entre meninos e meninas (Lacorte, 2009; Azevedo, 2020); processos de ensino e aprendizagem e atuação profissional de mulheres em grupos instrumentais e vocais (Tanaka—Sorrentino, 2012, Costa, 2022); gênero e sexualidade na formação e atuação de professores/as de música (Siedlecki, 2016; Wianning, 2020); gênero, diversidade sexual, docência e currículo de música no ensino superior (Mota, 2019, Oliveira, 2022); gênero e sexualidade em conservatórios de música (Mariano, 2024).

sendo a educação musical um campo social, a categoria gênero é uma variante que precisa ser considerada e discutida.

Em 2020, realizei uma pesquisa sobre as relações entre as identidades de gênero e as preferências musicais de jovens na aula de música dos anos finais do Ensino Fundamental. Esse estudo buscou compreender e analisar como as relações de gênero se faziam presentes no cotidiano da aula de música de uma turma de 8ª série do Ensino Fundamental. Dentre as questões norteadoras do estudo, propus: Como a construção de gênero se faz presente na aula de música? De que forma a música no espaço escolar constrói a identidade de gênero? Qual a relação existente entre as escolhas musicais dos adolescentes e a identidade de gênero? Qual a relação existente entre a construção da identidade de gênero e a música da mídia consumida pelos adolescentes?

O estudo revelou que a escola é um delimitador das manifestações das diferenças de gênero em relação às escolhas musicais individuais dos jovens, uma vez que a escola é um espaço generificado que constrói atitudes e comportamentos considerados como “naturais” (Louro, 1995, p.58).

José Machado Pais (1993, p.104) analisa que os agrupamentos dos alunos em sala de aula são construídos pela “convivência de convivência”, e, portanto, declarar identificação com determinadas preferências musicais no espaço escolar poderia implicar na obtenção de rótulos que desmerecem a condição masculina ou feminina dos/das jovens. Esta máxima revelou-se fortemente nas cenas observadas na escola onde realizei o estudo.

A identificação com determinados gêneros musicais demonstrada no espaço escolar evidenciou a existência de uma relação estreita entre a música e a identidade de gênero, quando por exemplo, a atribuição das músicas românticas à feminilidade, e das músicas de cunho político-social à masculinidade. As roupas que vestiam, a linguagem que escolhiam para falar, e, em especial, as atitudes que tomavam nos debates sobre música, reificavam as identidades de gênero dos/as jovens.

A existência de um discurso dos próprios alunos/as e da professora de música, partiam de uma postura essencialista das diferenças, “naturalizando” de uma certa forma, a concepção de que as “meninas, eram mais sentimentais”, enquanto, os “meninos, mais racionais.” Esta associação garantia aos meninos uma prioridade nos debates sobre música que aconteciam em sala de aula, uma vez que, a racionalidade deles legitimava as suas opiniões e os seus conhecimentos musicais. O fato de as meninas se relacionarem com a música por meio da idolatria por cantores e bandas, da associação das letras de música a momentos de suas vidas, tornava-as, na opinião dos meninos e da professora de música, menos capazes de poderem opinar sobre as músicas que ouviam. O discurso generificado de que as meninas eram mais “sentimentais e românticas”, menos “racionais por natureza”, e facilmente “maleáveis e flexíveis” em suas opiniões e atitudes, acabou sendo naturalizado e incorporado pelas mesmas, quando argumentaram que a música não tinha a mesma importância em suas vidas do que na vida dos meninos, pois, gostavam de música apenas para dançar, cantar, se divertir.

Outro aspecto importante a ser ressaltado, foi que na época que foi realizada a pesquisa, apenas a divisão binária de gênero era socialmente aceita, tanto pelos alunos e alunas, quanto pela professora de música e coordenação da escola. Essa concepção apareceu em momentos da aula de música, quando “A Noiva de Kurt Cobain”, fã de *heavy metal*, vestia roupas escuras e largas, fazendo um estilo mais alternativo do que o socialmente instituído neste contexto. A forma como os colegas, principalmente as meninas, se referiam à ela, demonstrava um estranhamento, na verdade, uma rejeição aos seu jeito diferente de ser e de se vestir:

Paola: A Noiva de Kurt foi com a gente numa festa. (...)

Mana: Dizem que A Noiva de Kurt colocou saia, ficou muito bonita..

Paola: Ela disse: “me vesti de menina, me botaram uma saia.”(risos). Ela tá sempre de preto! Esses dias ela veio com uma camiseta colorida.

Mana: Veio de jeans e uma camiseta clara.

Mana: Ela se veste sempre de preto, de calça de moletom.

Paola: Não é de preto! É de escuro, ela se enche de roupa por baixo!

Mana: Num calorão, ela vem como uma camiseta assim [pelo joelho]...

Paola: Dez moletons, um monte de camiseta por baixo! Parece que ela é

gorda! Na festa da Mana ela tava magra! Sabe o que é uma menina muito magra? Não, porque o excesso de roupa que ela vem não dá para saber que ela é magra. (Lopes da Silva, 2019, p.51).

Usar roupas escuras e largas, na opinião das meninas, parecia representar uma “infração às regras femininas”, tanto em relação ao gênero, quanto em relação ao modelo ideal do corpo feminino. Como a escola deveria lidar com esses estereótipos? Essa situação deixou explícito o fato de que as diferenças não cabiam naquele espaço.

Wienning (2019), analisa:

[...] gênero e sexualidade são parte de nossas vidas e do cotidiano de professores/as e estudantes. A escola tem servido tanto para reforçar estereótipos e preconceitos quanto, por meio de dispositivos legais e políticas públicas, para tentar combatê-los. A educação escolar tem sido campo de embates em relação ao seu papel, tendo em vista a garantia do respeito à diversidade. A música, em particular, participa da construção de nossas ideias acerca de gênero e sexualidade, assim como de nossas identidades de gênero e de sexualidade (Wenning, 2019, p. 14).

Após 24 anos da realização desse estudo, questiono: Nas pesquisas atuais, houve mais avanços ou mais permanências nas relações de gênero e música nos espaços formais de educação?

Educação musical e gênero: avanços e/ou permanências

Passados mais de 20 anos da publicação daquele que é considerado o primeiro estudo brasileiro sobre gênero e educação musical (2020), é possível afirmar que o tema, ainda hoje, gera estranhamentos na área – sobretudo quando a ele se associa a sexualidade. (Mota e Oliveira, 2021, p.318).

Em seu artigo “Historicizando o conceito de gênero: da antropologia feminista à educação musical”, Vânia Müller (2021) ressalta a realização do I Fórum de Temas Emergentes da Educação Musical Brasileira, realizado pela ABEM no ano de 2020. A autora analisa:

Uma das ênfases nas reflexões de palestrantes apontava para a necessidade de a área contemplar mais acentuadamente, em pesquisas e formação de

educadores/as musicais, o contexto de grupos sociais discriminados, lá mencionados nominalmente: o grupo LGBTQIA+, o racismo contra pessoas negras, indígenas e imigrantes; a inferiorização de mulheres ainda em diversas instâncias; a inferiorização de pessoas escolarizadas no ensino público; e a inferiorização de pessoas pobres. Destaco esse fato com muita satisfação e esperança, pelo que se pode vislumbrar em construção de conhecimento abarcando campos de estudo já consolidados, o que vem ao encontro da diversidade epistêmica da área, naquela ocasião reafirmada. Tratar das identidades sociais de classe, gênero, racialização, sexualidades, religião e geração – ou marcadores sociais de diferença, como mais usualmente são chamados no campo dos estudos de gênero – ratifica e explicita a natureza epistemológica multidisciplinar que constitui a educação musical. (Müller, 2021, p.200).

Embora recente, houve um significativo avanço no campo da Educação Musical no que diz respeito às discussões sobre gênero e música, especialmente pelo fato da inclusão do debate sobre sexualidade, gênero e suas interseccionalidades nas pautas dos congressos da área.

Música, gênero e sexualidade no Ensino Superior:

Estudos emblemáticos como o de Wenderson Oliveira (2022) e Yanaeh Mota (2023) tratam sobre as questões LGBTQIA+ em relação ao currículo das escolas, práticas educativo-musicais, formação e atuação de professores de música.

Wenderson Oliveira (2020), enfatiza:

Como perspectiva decolonial, *enviadescer* a educação musical é entender que gênero, sexualidade, raça, classe e territorialidades são recortes epistemológicos que precisam ser analisados em unicidade e precisam estar presentes em nossas práticas educativo-musicais, currículos, formação docente e nos mais diversos espaços que *pensamosfazemos*. (Oliveira, 2020, p.151)

Oliveira (2020), questiona a ausência de travestis, transexuais e homossexuais ocupando lugares na docência no ensino superior:

Quantos travestis estão nas salas de aula de nossas escolas especializadas? Quantas em música ou são professoras nelas? Quantas mulheres transexuais são nossas alunas na educação básica? Quantos professores de música são homens transexuais? Essas pessoas podem ser representadas pelos repertórios que estão nos programas curriculares e/ou nos materiais didáticos? Quantos professores homossexuais podem, em suas aulas de música, *pensarfazer* um repertório LGBT+? Travestis podem se formar concertistas? Travestis podem se formar professoras de música? Já vimos, até o momento, no Brasil, uma professora universitária travesti ou transexual na Licenciatura em Música? (Oliveira, 2020, p.155).

Em sua pesquisa de doutorado em andamento, Yanaêh Mota (2023) propõe como objetivo geral “compreender a interrelação entre transgeneridade e docência de música a partir da trajetória de formação e atuação de três pessoas trans* e/ou travestis licenciadas em música”. A autora questiona:

Quais caminhos docentes trans* e travestis percorreram para inserir-se na docência de música? 2) Como docentes de música trans* e travestis negociam com a ordem heterocisnormativa em seus contextos de atuação profissional? 3) Quais estratégias de regulação de gênero foram/são desenvolvidas na atuação de docentes trans* e travestis? (Mota, 2023, p.4).

Ao colocar pessoas LGBTQIA+ e suas interseccionalidades como protagonistas de seus estudos, essas pesquisas representam, em minha análise, um importante diferencial nas discussões da temática na área de educação musical. É imprescindível a reflexão sobre a urgência da transformação dos lugares a serem ocupados por professores/as/es travestis e trans na educação básica, escolas especializadas de música e ensino superior, ou mesmo, a presença destes/as profissionais nos materiais didáticos, conteúdos e discussões na aula de música e na formação de professores.

Música, gênero e sexualidade na formação de professores:

As pesquisas de Vivian Sedlecky (2016) e Gabriela Wienning (2018), discutem a formação de professores de música em relação às percepções de licenciandos/as e professoras da educação básica, outro avanço importante, pois, como analisa Wienning (2018),

A música, em particular, participa da construção de nossas ideias acerca de gênero e sexualidade, assim como de nossas identidades de gênero e de sexualidade. No entanto, a literatura da área de educação musical, especialmente a nacional, indica que ainda são escassos os dados sobre como os professores/as de música atuantes na educação básica percebem e têm lidado com a diversidade de gênero e sexualidade. (Wienning, 2018, p.8).

Em sua pesquisa de mestrado “Docência de música e diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música da educação básica”, a autora propôs “compreender como professores/as de música da educação básica vivenciam a diversidade de gênero e sexualidade ao ensinarem música na escola” (Wienning, 2018, p.8). A autora questiona:

quais significados sobre diversidade de gênero e sexualidade são compartilhados por professores/as de música da educação básica? Como

professores/as de música da educação básica lidam com os sujeitos da diversidade ao ensinarem música? Como a diversidade de gênero e sexualidade vem sendo trabalhada por professores/as de música da educação básica? Quais dificuldades e desafios que professores/as de música da educação básica enfrentam em relação à diversidade de gênero e sexualidade ao ensinarem música? (Wianning, 2018, p.8).

Segundo os relatos dos professores participantes da pesquisa, a diversidade de gênero e sexualidade tem se materializado no espaço escolar, tanto em “forma de reconhecimento e de negação”. Como forma de reconhecimento, os professores destacam a inclusão de temas referentes ao dia do orgulho LGBT, ao dia internacional da mulher e ao dia consciência negra no calendário escolar e na aula de música. Ainda de acordo com as professoras entrevistadas, a negação da diversidade de gênero e sexualidade na escola se manifesta por meio de “xingamentos, palavras pejorativas direcionadas à orientação sexual, comentários machistas e expressões como “ideologia de gênero” (no sentido depreciativo da palavra gênero)”. (p.218).

O estudo sobre a diversidade de gênero e sexualidade presente nos discursos de licenciandos realizado por Vivian Siedlecky (2016), revelou que os alunos entrevistados percebiam “múltiplas significações” sobre a temática:

o gênero inscrito no corpo; o gênero moldado pelo social; o gênero que se confunde com sexualidade, porém, não vive circunscrito em fronteiras rígidas; o gênero que é entendido como sendo construído a partir da repetição e incorporação das normas engendradas por discursos normalizadores de condutas sociais, gerando, assim, a ilusão da existência de uma “natureza”. (Siedlecki, 2016, p.148).

Segundo a autora, há uma “co-existência de verdades” sobre gênero e sexualidade nos discursos dos entrevistados, as quais, só poderiam ser tensionadas a partir da presença da temática no curso de licenciatura. A autora vê com preocupação a atuação dos futuros professores de música em relação à “alguma influência sobre as crianças, aqueles/as cujas práticas não são aceitas, aqueles/as que devem ser reconhecidos e aqueles/as que não são vistos a partir da lente da diversidade”. (p.148).

O silenciamento da temática no curso de licenciatura em música é também percebido pelos licenciandos em relação à “ausência de mulheres na história da música, bem como, sobre o papel da música como criadora, portadora e transmissora de papéis masculinos e femininos.” A autora complementa a percepção dos alunos problematizando “a ausência não só das mulheres, mas também de outros grupos igualmente marginalizados nas narrativas historiográficas”. (Siedlecki, 2016, p.148).

Ainda no âmbito das discussões sobre formação de professores, Vânia Müller (2021) salienta a importância das mulheres e da academia questionarem-se quanto ao binarismo ainda presente referente às “coisas de mulher” e “coisas de homem”. Como exemplo, a autora compartilha suas impressões sobre seus estagiários/as do curso de licenciatura em música:

“por que os meninos do meu estágio não cantam, e correm pros instrumentos muito antes das meninas?”; “por que na minha turma de estágio as meninas têm seus violões e flautas com adesivos cor-de-rosa, e os meninos, não?”; “por que a banda de rock do primeiro ano do ensino médio não quer a participação de uma menina?”; “por que aqueles colegas do mestrado não compreendiam nem meu gosto nem minha capacidade de fazer ciência”? (p.202).

A autora chama atenção sobre a urgência de “estimular licenciandas/os e professoras/es de música, já atuando no meio rural e urbano, nos nossos interiores e capitais, bem como nas graduações e pós-graduações de nossas universidades, a se apoiar teoricamente no enfrentamento dos desafios de sala de aula em torno de questões de gênero” (Müller, 2021, p.202). Eu complementaria, ressaltando a importância de estruturarmos proposta pedagógicas para o enfrentamento da temática na aula de música.²

Afinal, até quando acharemos curioso meninas tocarem bateria ou contrabaixo? Até quando naturalizaremos a baixa procura de meninas pelo curso de bacharelado em composição? Até quando reificaremos as máximas de que meninas cantam e dançam, enquanto meninos tocam? Ou ainda, que meninas são mais sentimentais, e os meninos, mais racionais? (Lopes da Silva, 2019. Apresentação).

Música e gênero na escola:

A pesquisa “Isto não é música de menino”: representações de instrumentos e estilos musicais entre adolescentes de um projeto de Educação Musical, de Laiana Moraes Azevedo (2020), entrevistou um grupo de adolescentes participantes do grupo musical *Som da Banda*, de uma escola pública na cidade de Maringá/PR. O estudo propôs como objetivo geral “investigar as representações de meninos e meninas estudantes do Ensino Fundamental II sobre as relações entre masculinidades e instrumentos e estilos musicais”.

Dentre os objetivos específicos, a autora propôs:

² Sobre proposições sobre a temática música, gênero e sexualidade na sala de aula, ver: MOTA, Yanaêh Vasconcelos; OLIVEIRA, Mário André Wanderley; BARBOSA, Francisco Ernani de Lima; SAMPAIO, Michel Vincent de Oliveira. Gênero e sexualidade na educação musical escolar: vamos pensar juntas? Revista Música na Educação Básica, v. 13, n. 16, p.1-17, 2024.<http://dx.doi.org/10.33054/MEB131603>

- a) Identificar as representações manifestas pelo/as estudantes sobre masculinidades e instrumentos e estilos musicais;
- b) analisar as representações de meninos e meninas sobre masculinidades e instrumentos e estilos musicais;
- c) discutir implicações das representações produzidas por meninos e meninas para educação musical de meninos. (Azevedo, 2020, p.28).

As entrevistas realizadas com os jovens “revelaram que os estilos e os instrumentos musicais preferidos dos meninos, em sua maioria, foram associados a representações de masculinidades hegemônicas”:

Por conseguinte, os/as adolescentes diferenciaram os estilos e os instrumentos musicais para meninos e para meninas, justificando suas escolhas com características reconhecidas socialmente como masculinas, como força, agilidade e vigor; e femininas, como doçura, meiguice e delicadeza. Além disso, estilos musicais como rock, funk e rap e instrumentos musicais tais quais bateria e guitarra foram associados aos meninos. Os primeiros em razão dos temas de suas letras, que envolvem a rebeldia dos jovens contra a sociedade por meio da bandidagem e do uso de drogas, bem como pela objetificação da mulher cantada como alguém disponível para o sexo. (Azevedo, 2020, p.29).

A autora analisa que, embora os resultados da pesquisa tenham revelado o evidente machismo associado às escolhas de estilos e práticas musicais dos meninos, pois alguns/as adolescentes acreditavam “não existirem barreiras de gênero nas escolhas de estilos e instrumentos musicais sugerindo maior abertura e flexibilidade entre identidade de gênero e experiência musical” (p.29).

Comparando os achados da pesquisa de Azevedo (2020) com os dados da pesquisa que realizei em 2000, ao entrevistar coletivamente meninos e meninas, um menino admitiu que seus colegas escolhiam determinadas músicas associadas aos seus sentimentos:

H: Isso acontece com meninos e com meninas?

Scheik: Até acontece, mas eu acho que é bem menos do que com meninas.

H: Explica um pouquinho mais, Scheik. Por que que você acha que com meninas é diferente?

Camila: É que com meninos, eu acho, eu tenho certeza que eles têm vergonha de mostrar os sentimentos. Eles escondem muito.

Scheik: É, eu concordo, também... (...) (Lopes da Silva, 2019, p.71)

Em minha análise, a realização de entrevistas coletivas mistas com grupos de amigos, mostravam com maior nitidez as omissões de fatos relacionados às escolhas musicais e às relações de gênero por parte dos meninos. As entrevistas realizadas no estudo de Azevedo (2020) foram individuais, o que pode ter comprometido os discursos, uma vez que os jovens, de forma geral, sentem-se intimidados na presença de professores:

A não-obrigatoriedade e o fato de ser entrevistado junto aos colegas mais próximos imprimiu um clima de maior confiança durante as entrevistas. O fato

de poderem compartilhar suas opiniões dentro de um grupo de amizade não implicava ressentimentos ou receio de se falar o que se pensava. (Lopes da Silva, 2019, p.41).

Outro diferencial entre a pesquisa de Azevedo (2020) e o meu estudo, deve-se à demarcação do gênero masculino como foco da pesquisa da autora. A hierarquia binária do olhar sobre meninos e meninas, também fizeram parte de minha pesquisa em um primeiro momento, tanto que durante as primeiras entrevistas, eu separava os grupos de meninos e meninas:

Após uma primeira análise das entrevistas realizadas, a perspectiva teórica foi se modificando. De uma perspectiva teórica impregnada pelo olhar binário proveniente das leituras feministas “radicais” fui compreendendo através das respostas dos alunos entrevistados que o foco se concentrava nas relações e não na separação de gênero. (Lopes da Silva, 2019, p.44).

Como pontuou Joan Scott em entrevista concedida à Grossi, Heilborn e Rial (1998), “o verdadeiro problema [está em] historicizar a idéia homem/mulher e encontrar uma forma de escrever uma verdadeira história das relações homens/mulheres, das idéias sobre a sexualidade, etc... (...) A diferença dos sexos é, ao mesmo tempo, jogo cultural e social” (p.124).

Como mencionado, a pesquisas de gênero na área de educação musical mais recentes reforçam a importância das interseccionalidades para as análises dos dados, o que não foi feito em meu estudo. À época, trouxe apenas os temas que apareceram nas declarações dos alunos participantes quando analisavam as músicas e grupos musicais veiculados na mídia, e quanto à influência que estes poderiam ter sobre o comportamento de seus ouvintes, quais sejam: música e droga; música e sexo; música e religião; música e racismo. Nesse sentido, a pesquisa revelou preconceitos existentes em relação às pessoas que não faziam parte do grupo dos entrevistados, pois, embora o estudo tenha acontecido em uma escola pública, a presença de alunos negros era quase inexistente na época, as identidades de gênero e sexualidade, omitidas ou silenciadas, e a classe social era predominantemente formada por alunos da classe média.

Considerações:

Este texto propôs revisar uma pesquisa sobre gênero, música e educação realizada há x anos por meio de um diálogo com algumas pesquisas sobre sexualidade, formação de professores de música e identidades de gênero no espaço escolar. O objetivo deste artigo é

dar início às discussões sobre os possíveis avanços e permanências observados a partir dos resultados destas e de outras pesquisas sobre as relações de gênero e ensino e aprendizagem de música em espaços formais de educação.

Margarete Arroyo (2009, p.53), em seu mapeamento e análise sobre dissertações e teses “que trazem a articulação entre juventudes, músicas e escolas, produzidas no Brasil entre 2000 e 2007”, pontua que

A análise das produções discentes de pós-graduação aqui empreendida mostrou que a abordagem sociocultural se consolidou na área de educação musical. Tal abordagem enfatiza que a aprendizagem e o ensino de música implicam mais que a construção de conhecimentos técnico musicais, pois os trabalhos supõem a música como constituidora de sentidos de vida ou, nas palavras de Martí (1999), “a música como agente enculturador e ideologizante”. Essa abordagem, que representou uma “virada” epistemológica nesse campo de conhecimento (Arroyo, 2006), **precisa ir além das descrições em sua produção; para isso, vemos a análise crítica, retrospectiva e prospectiva de pesquisas como elemento decisivo no aprimoramento investigativo.** (Arroyo, 2009, p.61. Grifos meus.).

Na direção da análise de Arroyo (2019), convido os/as pesquisadores/as/es que se dedicam à temática gênero na Educação Musical para refletirmos sobre a produção acadêmica sobre gênero, sexualidade e educação musical, reforçarmos parcerias para replicações de pesquisas já realizadas, e estruturarmos proposições pedagógicas e musicais que contemplem a temática gênero e ensino de música. Talvez esse seja o caminho para identificarmos de fato, quais foram os avanços e permanências da temática nas proposições e concepções sobre o papel do gênero e sexualidade nas pesquisas de educação musical no Brasil.

Referências

- ARROYO, Margarete. Prefácio. IN: Lopes da Silva, Helena. *Música, juventude e a construção da identidade de gênero no espaço escolar*. Curitiba: Editora Appris, 2019.
- ARROYO, Margarete. Juventudes, músicas e escolas: análise de pesquisas e indicações para a área da educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 21, p. 53-66, 2009.
- AZEVEDO, Laiana M. “*Isto não é música de menino*”: representações de instrumentos e estilos musicais entre adolescentes de um projeto de educação musical. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, 2020. 120fls.
- COSTA, Sílvia R; REIS, Carla S. O não-lugar das mulheres instrumentistas na música popular: “Eu sei que tenho que chegar e tocar muito”. In: XXV Congresso Nacional da ABEM, 2021, online. *Anais*. 2023. p.1-13.
- GROSSI, Miriam; HEILBORN, Maria Luiza; RIAL, Carmen. Entrevista com Joan Wallach Scott. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.114-124, 1998.
- LACORTE, Simone R. Música popular na escola: juventude, gênero e performance. In: XXVI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical e 15o Simpósio Paranaense de Educação Musical, Londrina, Paraná. *Anais*. Londrina, Paraná. 2009. p. 793-799.
- LOPES da SILVA, Helena. *Música no espaço escolar e a construção da identidade de gênero: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Música (Mestrado e doutorado), Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. 146fls.
- _____. *Música, juventude e a construção da identidade de gênero no espaço escolar*. Curitiba: Editora Appris, 2019.
- LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MARIANO, Hugo R. *Educação Musical no conservatório e estudos de gênero: uma análise das relações de ensino-aprendizagem*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2024. 225fls.
- MOTA, Yanaêh V. *Construindo a si mesma como docente de música: recortes da trajetória de uma professora travesti*. In: XXVI Congresso Nacional da ABEM, 2023, Ouro Preto, MG. *Anais*. Ouro Preto, MG. 2023. p.1-17.
- MOTA, Yanaêh Vasconcelos; OLIVEIRA, Mário André Wanderley; BARBOSA, Francisco Ernani de Lima; SAMPAIO, Michel Vincent de Oliveira. *Gênero e sexualidade na educação*

musical escolar: vamos pensar juntas? *Revista Música na Educação Básica*, v. 13, n. 16, p. 1-17, 2024.

MÜLLER, Vânia. Historicizando o conceito de gênero: da antropologia feminista à educação musical. *Revista da Abem*, v. 29, p. 199-213, 2021.

OLIVEIRA, Wenderson S.; FARIAS, Isabel Maria S. Enviadescer a educação musical, musicar a bicha e fraturar currículos: estranhamentos sonoros para pensar fazer um currículo queer. *Revista da Abem*, v. 28, p. 139-161, 2020.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1993.

SIEDLECKI, Vivian. *A diversidade de gênero e sexualidade na perspectiva de licenciandos em música*. Tese (Doutorado em Música) - Programa de Pós-graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. 181 fls.

TANAKA-SORRENTINO, Harue. *Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico*. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-graduação em Música, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. 510 fls.

WIENNING, Gabriela G. *Docência de música e diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música da educação básica*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. 129 fls.

WIENNING, Gabriela G. Diversidade de gênero e sexualidade na docência de música: um estudo com professores/as de música da educação básica. *Revista da Abem*, v. 28, p. 211-229, 2020.



11 a 14 de novembro de 2024
Vitória - Espírito Santo | Universidade Federal do Espírito Santo



www.abem.mus.br